

A Verdade: Eu Menti

Mírian Macedo
5 de junho de 2011

Eu, de minha parte, vou dar uma contribuição à Comissão da Verdade, e contar tudo: eu era uma subversivazinha medíocre e, tão logo fui aliciada, já “caí” (jargão entre militantes para quem foi preso), com as mãos cheias de material comprometedor.

Despreparada e “festiva”, eu não tivera nem o cuidado de esconder os exemplares d'A Classe Operária, o jornal da organização clandestina a que eu pertencia (a AP-ML, ala vermelha maoísta do PC do B, a mesma que fazia a Guerrilha do Araguaia, no Pará).

Os jornais estavam enfiados no meio dos meus livros numa estante, daquelas improvisadas, de tijolos e tábuas, que existiam em todas as repúblicas de estudantes, em Brasília naquele ano de 1973.

Já relatei o que eu fazia como militante <http://bit.ly/vNUwyb> (texto reproduzido abaixo). Quase nada. A minha verdadeira ação revolucionária foi outra, esta sim, competente, profícua, sistemática: MENTI DESCARADAMENTE DURANTE QUASE 40 ANOS!* (O primeiro texto fala em 30 anos. Eu fui fazer as contas, são quase 40 anos, desde que comecei a mentir sobre os “maus tratos”. Façam as contas, fui presa em 20 de junho de 73. Em 2013, terão se passado 40 anos.)

Repeti e escrevi a mentira de que eu tinha tomado choques elétricos (por pudor, limitei-me a dizer que foram poucos, é verdade), que me interrogaram com luzes fortes, que me ameaçaram de estupro quando voltava à noite dos interrogatórios no DOI-CODI para o PIC e que eu passava noites ouvindo “gritos assombrosos” de outros presos sendo torturados (aconteceu uma única vez, por um curto período de tempo: ouvi gritos e alguém me disse que era minha irmã sendo torturada. Os gritos cessaram – achei, depois, que fosse gravação – e minha irmã, que também tinha sido presa, não teve um único fio de cabelo tocado).

Eu também menti dizendo que meus “algozes”, diversas vezes, se divertiam jogando-me escada abaixo, e, quando eu achava que ia rolar pelos degraus, alguém me amparava (inventei um “trauma de escadas”, imagina).

A verdade: certa vez, ao descer as escadas até a garagem no subsolo do Ministério do Exército, na Esplanada dos Ministérios, onde éramos interrogados, alguém me desequilibrou e outro me segurou, antes que eu caísse.

Quanto aos “*socos e empurrões*” de que eu dizia ter sido alvo durante os dias de prisão, não houve violência que chegasse a machucar; nada mais que um gesto irritado de qualquer dos “inquisidores”; afinal, eu os levava à loucura, com meu “enrolation”. Sou rápida no raciocínio, sei manipular as palavras, domino a arte de florear o discurso. Um deles repetia sempre: “Você é muito inteligente. Já contou o pré-primário. Agora, senta e escreve o resto”.

Quem, durante todos estes anos, tenha me ouvido relatar aqueles dias em que estive presa, tinha o dever de carimbar a minha testa com a marca de “vítima da repressão”. A impressão, pelo relato, é de que aquilo deve ter sido um calvário tão doloroso que valeria uma *nota preta* hoje, os beneficiados com as indenizações da Comissão da Anistia sabem do que eu estou falando. Havia, sim, ameaças, gritos, interrogatórios intermináveis e, principalmente, muito medo (meu, claro).

Ma va! Torturada?! Eu?! As palmadas que dei em meus filhos podem ser consideradas “tortura inumana” se comparadas ao que (não) sofri nas mãos dos agentes do DOI-CODI.

Que teve gente que padeceu, é claro que teve. Mas alguém acha que todos nós que saíamos da cadeia contando que tínhamos sido “barbaramente torturados” falávamos a verdade?

Não, não é verdade. A maioria destas “barbaridades e torturas” era pura mentira! Por Deus, nós sabemos disto! Ninguém apresentava a marca de um beliscão no corpo. Éramos “barbaramente torturados” e ninguém tinha uma única mancha roxa para mostrar! Sei, técnica de torturadores. Não, técnica de “torturado”, ou seja, mentira. Mário Lago, comunista até a morte, ensinava: “quando sair da cadeia, diga que foi torturado. Sempre.”

Na verdade, a pior coisa que podia nos acontecer naqueles “anos de chumbo” era não ser preso (sic). Como assim, todo mundo ia preso e nós não? Ser preso dava currículo, demonstrava que éramos da pesada, revolucionários perigosos, ameaça ao regime, comunistas de verdade! Sair dizendo que tínhamos apanhado, então! Mártires, heróis, cabras bons.

Vaidade e mau-caratismo puros, só isto. Nós saíamos com a aura de heróis e a ditadura com a marca da violência e arbítrio. Era mentira?

Era, mas, para um revolucionário comunista, a verdade é um conceito burguês, Lênin já tinha nos ensinado o que fazer.

E o que era melhor: dizer que tínhamos sido torturados escondia as patifarias e “amarelões” que nos acometiam, quando ficávamos cara a cara com os “ômi”. Com esta raia miúda que nós éramos, não precisava bater. Era só ameaçar, a gente abria o bico rapidinho.

Quando um dia, durante um interrogatório, perguntaram-me se eu queria conhecer a “Marieta”, pensei que fosse uma torturadora braba. Mas era choque elétrico (parece que “Marieta” era uma corruptela de “maritaca”, nome que se dava à maquininha usada para dar choque elétrico). Eu não a quis conhecer. Abri o bico, de novo.

Relembrar estes fatos está sendo frutífero. Criei coragem e comecei a ler um livro que tenho desde 2009 (é mais um que eu ainda não tinha lido): "A Verdade Sufocada – A história que a esquerda não quer que o Brasil conheça", escrito pelo coronel Carlos Alberto Brilhante Ulstra. Editora Ser, publicado em 2007. Serão quase 600 páginas de “verdade sufocada”?

Vou conferir.

Honestino Guimarães(*), o “democrata”

Mírian Macedo
29 de março de 2011

Meu compromisso é com a verdade, eu não discuto com a realidade, eu a aceito assim como ela se me apresenta. As coisas são como são. Vou contar uma experiência pessoal, com a ressalva de que eu era uma “inocente inútil”, sem qualquer importância como quadro revolucionário.

Eu fui presa em junho de 1973, em Brasília, numa operação-arraстão em que foram presas cerca de 150 pessoas, pouco antes da prisão de Honestino Guimarães (ele foi visto pela última vez, em setembro daquele ano). Eu fazia parte de uma célula da Ação Popular Marxista Leninista – APMML – a mesma organização de Honestino. Na verdade, eu nem sabia direito a que eu estava ligada, o “segredo” fazia parte das normas da casa. Se alguém caísse...

Já no colegial (no meu tempo, chamava-se “científico”), eu tinha sido seduzida pela “revolução socialista”. Uma colega de minha irmã tinha

amigos que eram presos políticos, gente que tinha participado da luta armada desde o final dos anos 60. Revolucionários de fibra, a quem a tortura não tinha quebrado o ânimo de implantar no Brasil a ditadura do proletariado. A palavra mágica não era “ditadura”, claro. Era “proletariado”!

Quando entrei na Universidade de Brasília, em 72, eu estava pronta, era só aliciar. E fui imediatamente aliciada. Durante alguns meses, eu recebi aulas de doutrinação marxista em reuniões com militantes da organização que eram meus colegas na Universidade de Brasília, em casa ou no campus da UnB. Outras reuniões, poucas, eram secretas, cercadas de rigorosas normas de segurança: tinha de trocar de táxi várias vezes, ninguém sabia ou pronunciava o nome de ninguém, eu não contava nem para o namorado ou gente da família o que fazia.

Com 19 anos, participar da “revolução” era o máximo. Passada a fase de aliciamento e doutrinação, eu já estava sendo preparada para a “práxis”: tinha sido escalada para trabalhos com a “massa”, na periferia do Distrito Federal, mas fui presa antes, graças a Deus (sic).

Eu cheguei a visitar um tal de “círculo operário”, em Taguatinga, nos arredores de Brasília. Até estranhei, o lugar mais parecia uma associação comunitária assistencial, acho que estavam testando a minha disposição de “ir à luta”.

As análises do “momento histórico” nessas reuniões tinham enfoque nitidamente revolucionário. A proposta era de destruição do Estado burguês capitalista, instalação da ditadura do proletariado/ camponato (a APML era maoísta) e nenhuma negociação com a velha ordem burguesa.

Usar os instrumentos da democracia, como eleições, liberdade de imprensa, aparato jurídico, habeas corpus etc – para permitir e acelerar a tomada do poder para a implantação do comunismo – era um dever do militante revolucionário.

Marx e Lênin nos explicavam que “liberdades democráticas” eram apenas instrumentos da burguesia para oprimir o verdadeiro sujeito da História: o povo trabalhador. (Comunismo democrático é contradição em termos, todos sabemos).

A instalação de uma ditadura comunista era a proposta de todos os grupos de luta armada no Brasil, àquela altura. E também de grande parte da esquerda não engajada diretamente nas organizações. Admitamos e confessemos: todos nós sonhávamos com o comunismo.

A fórmula é esta: a vanguarda revolucionária luta para tomar o poder, que será concentrado em suas mãos para que ela faça as modificações que achar necessárias à transformação radical da vida humana e do mundo. E, por lutar para concretizar tão nobre (e hipotético) futuro, o revolucionário está acima de qualquer julgamento da espécie humana. No final, a História o absolverá.

Esta é a essência da mentalidade revolucionária até hoje. Esta é a verdadeira ideologia que a organização a que pertencia Honestino Guimarães professava. Não sou eu que quero assim. É assim, foi assim. As provas documentais de que esta é a verdade estão à disposição de quantos queiram conhecê-la(s). Existem dezenas de páginas só de fontes primárias sobre o assunto.

Se Honestino Guimarães é herói de tantos que o cultuam como “o mártir que a ditadura militar assassinou”, nada tenho a ver com escolhas pessoais. O meu assunto é outro. Eu estou interessada na verdade.

Repito: é inegociável a condenação incondicional da tortura, da violência e do desrespeito aos direitos humanos de militantes da esquerda. O Estado não pode torturar, matar e desaparecer com um único cidadão.

(*) <http://bit.ly/i98cJC>

Observações:

- 1) **Fonte: O Blog da autora: <http://blogdemirianmacedo.blogspot.com>
http://blogdemirianmacedo.blogspot.com/2011/06/verdade-eu-menti_05.html
<http://blogdemirianmacedo.blogspot.com/2011/03/sobre-honestino-guimaraes-odemocrata.html>**
- 2) **A autora é Jornalista.**
- 3) **As matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, o pensamento da Academia Brasileira de Defesa.**